

CRASE

#20
Março - 2012

Ano 2 - 20ª Edição - Março - 2012



A
Rainha
da noite





REVISTA
CRASE

índice

Escolha e clique na matéria desejada.

p. 08 **Editorial**

p. 10 **YAKUZA MOON**

Memórias da filha de um gângster.

p. 16 **Meryl Streep**

Talento a serviço da sensibilidade.

p. 22 **mulheres** *incomuns*, *artistas* **fascinantes**

Marina Abramovic e as mulheres que marcaram o século XX.

p. 30 *A Rainha* da noite

O Lado Black das Noitadas.

p. 42 SÃO HELENAS E MARIAS!

As mulheres e o seus valores.

p. 48 **Se é que sufrágio existe!**

A conquista de alguns direitos femininos na jornada pela igualdade.

p. 54 **CRASE** Vinícius Castro

CONVIDA

Através da sua divertida música “Bala Perdida” Vinícius nos faz pensar sobre a vida socioeconômica do nosso país.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Amanda Guerra, Bruno Buhr,
Cadu Senra, Clarissa Affonseca, Deborah Pinheiro,
Leonardo Alves, Leandro Bertholini, Patricia Teles,
Renan Alves, Vanessa Vieira, Vinícius Baião

Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

FOTOGRAFIA

Editor: Diego Val

Fotógrafos: Caio Pagin, Leonardo Ferreira,
James Donahue

INTERNET

Programador: Dans Souza

CAPA

Foto: Diego Val



Editorial

Mês de março é o mês das mulheres e, como no ano passado, não podíamos deixar passar em branco. Impossível não homenagear estas incríveis e belas criaturas. Como homem, posso dizer com absoluta certeza que por mais que reclamemos e batamos os pés, que ajamos como machões, o sexo feminino sempre será nossa fraqueza. Por mais desinteressados que possamos parecer, somos eternamente gratos à beleza, sutileza e inteligência que o sexo feminino carrega por onde passa.

Falar sobre a “importância” das mulheres seria no mínimo uma atitude condescendente, até porque, vejo o homem como uma extensão da mulher e vice-versa. Somos duas partes de um todo, o Yin e o Yang.

O “sexo frágil” não pode ser categorizado como os muitos poemas e crônicas supostamente escritas por Jabor afirmam pelo Facebook. Mulheres são magras, gordinhas, saradas, divertidas, chatas, legais, inteligentes, ignorantes, interessantes e fúteis. Bebem e não bebem a cervejinha em dia de jogo, assistem aos jogos e não assistem; são donas de casa e trabalhadoras, são mães e amigas, esposas e amantes. Mulheres são normais e estranhas, são esquentadas e calmas. Nenhuma delas deixa de ser “mulherão” por não se encaixar nos critérios específicos de cada homem.

À risco de cair no clichê, preciso dizer que cada mulher tem algo de especial. Porque é verdade; seja um sorriso, uma curva, um olhar ou uma forma de falar. Vocês realmente são obras primas.

Rafael Farah

ヤクザムーン
Yakuza
Moon

Memórias da filha de um gângster.

Por Amanda Guerra

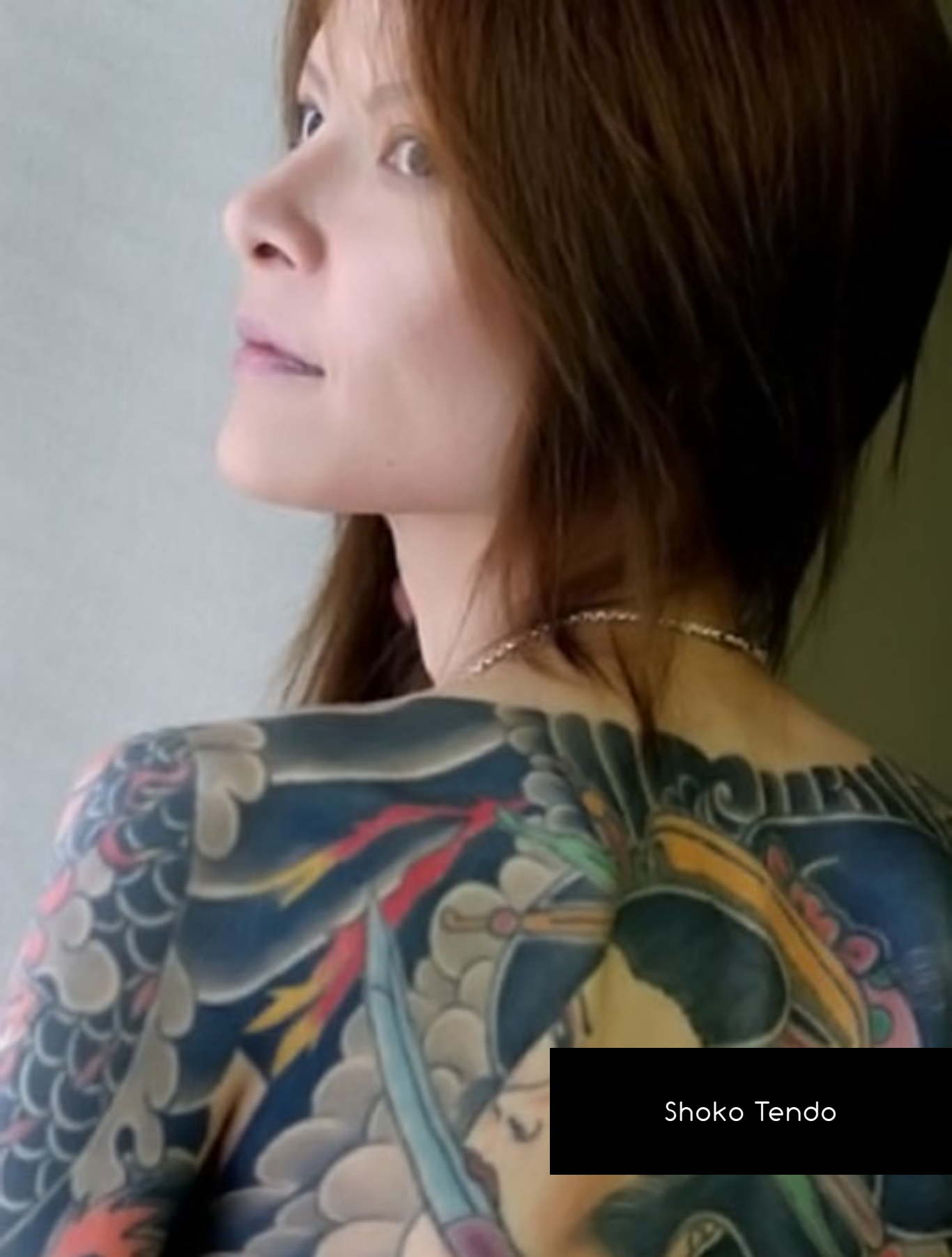
Quando contamos uma história da nossa vida, manter o compromisso com a realidade é tarefa bastante árdua. Na melhor das hipóteses, usamos uma realidade maquiada com a complacência que temos com nossos próprios erros. Justificamos o injustificável para nós mesmos, e tendemos a achar que os outros vão se iludir também. Doce engano.

Talvez por isso autobiografias sejam tão mal vistas nas gôndolas de livraria. Geralmente feitas por não escritores, elas tendem a contar histórias absurdas, de vidas que provavelmente não eram tão interessantes assim. E o leitor mais experiente percebe e se desencanta. Mágico é quando existe a possibilidade de ver uma realidade visceral e pensar que essa história poderia ser a de qualquer um. Mágico é quando há empatia com a personagem, justamente por não ser uma personagem. Shoko é dessas mulheres de verdade. Daquele tipo que tem distúrbio alimentar, que já apanhou do marido, que tem algo a esconder e muito mais ainda a contar. Alguém que não se identifique?

Vinda de uma família de posses e morando num pequeno palácio, tudo o que Shoko possuía era fruto do trabalho de seu pai para a Yakuza. Dentro de um ambiente de luxo e ostentação, ela cresce acreditando que o poder da máfia nipônica era indiscutível, mas sem se dar conta do que isso queria de fato dizer. Nem mesmo podia falar sobre o assunto, apesar de sentir algumas consequências. As crianças vizinhas, por exemplo, eram proibidas de brincar com ela e os irmãos. Mas isso talvez não fosse relevante. Ao menos não mais do que o amor e respeito paternal que toda a família nutria.

Mas havia uma rebeldia adolescente no meio do caminho e, aos 16 anos, Shoko resolve largar tudo e entrar numa gangue. O que não esperava é que seu pai perderia sua grande influência logo em seguida e, sem a proteção paternal, a moça passaria pelas piores situações do submundo. Sua vida passou a se basear em sexo e drogas, sendo amante de homens da mesma máfia que a acompanhara durante a infância. Era constantemente espancada e vítima dos mais variados tipos de abusos.

Mas um dia deu um basta. Mostrou que



Shoko Tendo

era mais forte do que qualquer um podia acreditar, largou toda aquela vida, mas não negou o que havia passado. Pelo contrário. Nossa protagonista entende que é necessário ratificar o passado para começar a construir o futuro. Então, aos 20 anos, começou o irezumi¹.

Depois de provar pra ela mesma e para quem mais quisesse saber que ela era tão forte quanto qualquer desses homens que tenha passado pela sua vida, Shoko mais uma vez mostrou sua indepen-

dência. Ignorando toda a pressão da sociedade japonesa, não interrompeu a gravidez de uma menina, mesmo sendo mãe solteira. E ainda contou tudo isso em livro.

Depois de chocar o mundo com detalhes de uma vida sórdida que todos preferem ignorar, depois de se mostrar real, errante e verdadeira, Shoko agora apenas tenta levar uma vida normal com sua filha. Mesmo estando muito acima do padrão de normalidade japonês. Tem como não amar? ■



1. Grande tatuagem tradicional japonesa que cobre a maior parte do corpo. Na tradição da Yakuza, as tatuagens simbolizam força e resistência. Quanto maior a tatuagem, maior a força ostentada pelo tatuado.





Meryl Streep

Talento a serviço

por Bruno Buhr

Recentemente pôde-se acompanhar a maior festa do cinema mundial e, desta vez, a vencedora do prêmio de melhor atriz não foi nenhuma surpresa. Uma das mais talentosas atrizes da atualidade, Meryl Streep, comemorou seu terceiro prêmio nesta categoria em que soma um recorde de indicações, totalizando a incrível marca de 17 nomeações.

Em seus últimos trabalhos, com exceção de “Doubt” de 2008, Meryl emprestou seu corpo e seu enorme talento para retratar mulheres fortes que não se deixaram abater pelo preconceito machista que abolia a mulher de várias esferas profissionais.

A começar por Julia Child, no filme “Julie e Julia” de 2009, mulher de um importante diplomata, que decidiu estudar culinária em uma época

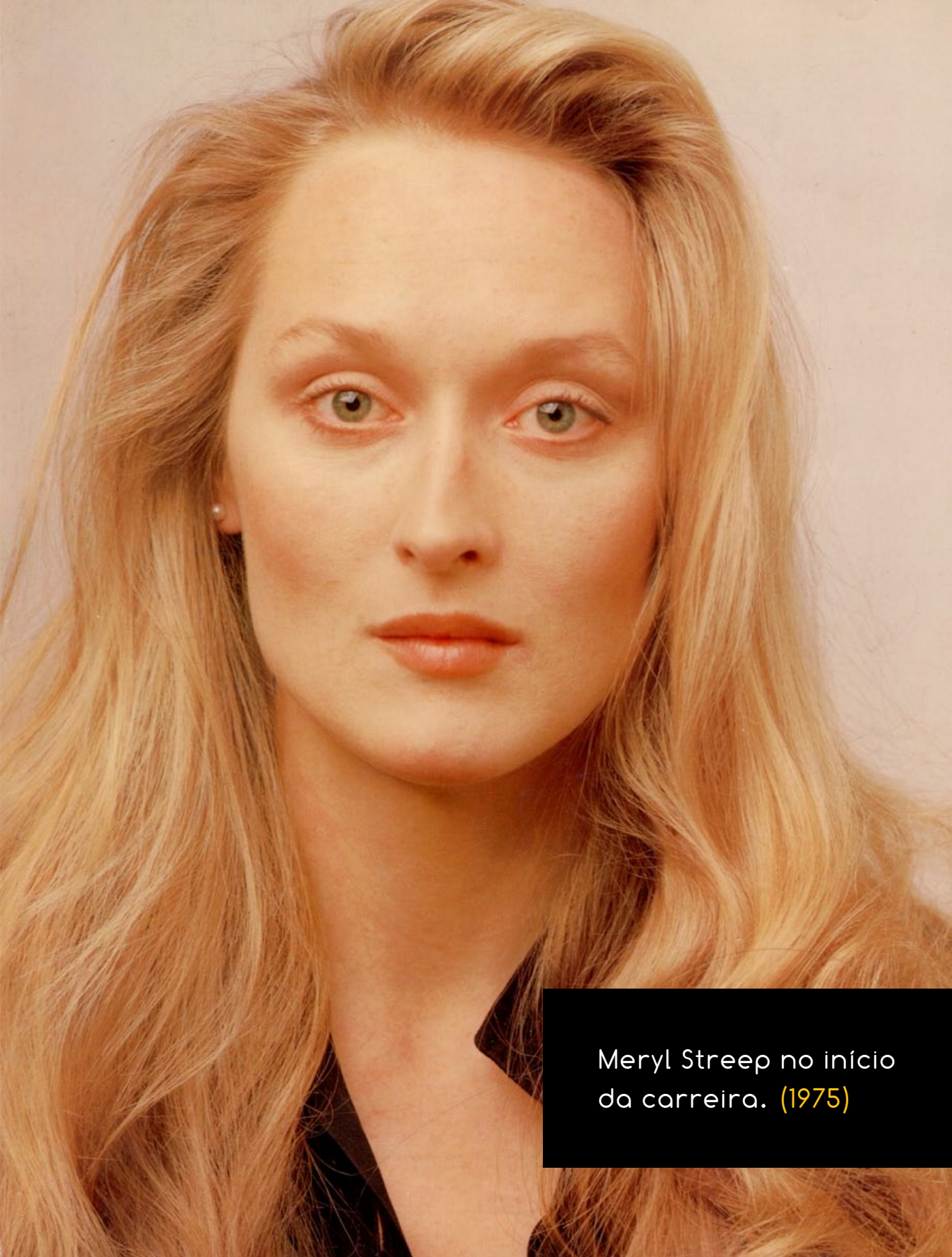
ep
da sensibilidade.

em que os homens dominavam o mundo da cozinha profissional, acabou sendo aceita em uma das principais instituições de artes culinárias da França, o Le Cordon Bleu; publicou títulos clássicos da culinária francesa, virou apresentadora de programas do gênero e acabou por receber em 2003 uma das mais altas condecorações civis dos EUA pelas contribuições prestadas à cultura.

Em 2006 cedeu suas incríveis habilidades dramáticas para um papel tragicômico em “O Diabo Veste Prada”, onde representou uma versão caricaturada de Anna Wintour, a mais importante editora de moda

do mundo à frente da Vogue norte-americana. Miranda Priestly, a personagem, é a representação da mulher moderna; uma executiva, tomadora de decisões, destemida e segura de si, mas que fracassou miseravelmente no desenvolvimento de destrezas sociais, no casamento e no exercício da maternidade.

Por fim, sua indicação mais recente e que lhe rendeu o terceiro prêmio da academia se deu em razão da magnífica interpretação em “A Dama de Ferro” de 2011 em que fez o papel de Margareth Thatcher, a Primeira Mulher a liderar o Partido Conservador e a ocupar o mais



Meryl Streep no início
da carreira. (1975)

alto cargo eletivo em seu país. Thatcher é filha de um simples comerciante e quebrou o protocolo ao prosseguir os estudos, se formando em direito em Oxford, uma das mais importantes e tradicionais universidades do Reino Unido. E quem pensa que Thatcher chegou à política para acalmar os ânimos e suavizar o ambiente da Câmara dos Comuns, inundado de testosterona, se engana redondamente. Thatcher era tão firme em suas posições que na década de 80 ganhou o apelido que dá título ao filme

Meryl atingiu a maturidade no auge de sua brilhante carreira, construída sobre os pilares do talento, da inteligência cênica e de um perfeccionismo impressionante, que fazem desta extraordinária atriz uma das artistas mais expressivas do nosso século, capaz de retratar com perfeição e maestria a imagem das mulheres deste e de outros tempos, tornando-se um filtro largo das emoções, dramas e dilemas da mulher. Esta atriz é o espelho cristalino no qual se pode enxergar de forma pura o feminino. ■



Cinco anos depois Meryl ganha o seu primeiro Oscar. (1980)

mulheres
incomuns,
artistas
fascinantes

por Patrícia Teles

Até o século XVII as mulheres eram proibidas de atuar. Com o movimento humanista e com o surgimento da Commedia dell'Arte na Itália, o gênero feminino conquistou seu espaço nos palcos. Desde então, são muitas as mulheres que atuam ativamente enriquecendo o teatro. No Brasil, destaca-se o trabalho da atriz Cacilda Becker, uma mulher franzina de origem humilde que ajudou a revolucionar o teatro moderno brasileiro. Mais do que uma grande atriz, Cacilda Becker se tornou um mito também por seu compor-

tamento fora dos palcos, ao defender a classe teatral durante o período de ditadura no Brasil.

“Abramovic é uma performer que trabalha nos limites físicos e mentais...”

Assim como Cacilda, é notável a presença de figuras femininas que transcendem o seu ofício no campo das artes. Entre elas estão Frida Kahlo (1907-1954), a pintora comunista mexicana, que marcou o movimento surrealista com suas obras; A artista plástica brasileira Lygia Clark (1920-1988), criadora de

“Bicho”, uma escultura moldada pelo público e uma das fundadoras do movimento neoconcretista no Brasil; Pina Bausch (1940-2009), a coreógrafa alemã que revolucionou a linguagem do corpo à frente da Companhia Tanztheater Wuppertal e Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa francesa que escreveu o mais notório dos livros sobre a condição da mulher na sociedade: “O Segundo Sexo”.

No meio desse seleto grupo de mulheres do século XX, que pensavam arte e política e são responsáveis por transformar a concepção artística contempo-

rânea, está a performer sérvia Marina Abramovic.

Abramovic é uma performer que trabalha nos limites físicos e mentais. Durante 3 meses percorreu toda a extensão da Muralha da China, viveu por 12 dias dentro de um museu sem comer, falar e sem privacidade e em seu mais recente trabalho, “The Artist is Present”, permaneceu 716 horas em silêncio olhando para os visitantes do Museu de Arte Moderna de Nova York que sentavam à sua frente. O trabalho rendeu o documentário “Marina Abramovic – The Artist is Present” (2011) do diretor Matthew Akers.



Marina Abramovic e Ulay
Imponderabilia (1977)



Mas foi em 1974 que Marina realizou sua performance mais marcante, ao testar o limite da relação entre público e artista. Em uma mesa, Marina dispunha para sua audiência objetos como flores, mel, objetos cortantes e um revólver. Durante seis horas, a performer permaneceu imóvel enquanto o

público rasgava suas roupas, cortava sua pele, enfiava espinhos em seu corpo, tornando-se cada vez mais agressivo até o ponto de Marina ter um revólver carregado pressionado contra sua cabeça.

Para Marina Abramovic, o performer precisa mergulhar



em um processo de preparação do corpo e da mente para realizar sua obra. Pensando no treinamento de uma nova geração, ela conta como funciona seu workshop chamado “Cleaning de House”: “Nós vamos para a natureza, dormimos juntos, sem comida por cinco dias, sem frutas, sem suco, apenas água.

Sem falar, não falar é sempre mais difícil do que não comer. Temos necessidade de verbalizar tudo e a energia se espalha. Então fazemos exercícios mentais e físicos pesados para checar nossa concentração, porque nossa concentração é um desastre. Nós nos concentramos mais nos 30 segundos de

propaganda da Coca-Cola na televisão. Nós não nos concentramos mais em nada, não temos tempo para isso. Com tantos iPods, iPads, chamadas telefônicas, não há

tempo para centrarmos em nós mesmos. Depois de cinco dias você pode comer sua primeira refeição e avaliar se você está pronto para realizar uma performance.”



Aos 65 anos de idade, Marina Abramovic é considerada a avó da performance art. Em abril, ela estreia no Teatro Real de Madrid o espetáculo “Vida e Morte

de Marina Abramovic”, dirigido pelo encenador Robert Wilson. Marina contracena com o ator Willem Dafoe na ópera que conta a história de sua vida.■



Performance ‘The Artist is Present’
no ‘Museum of Modern Art’





A
Rainha
da noite

Black Music em verde e amarelo.

por Ramon Lourenço
fotos Diego Val

O Hip - H o p , oriundo da Jamaica na década de 1970, ganhou um grande destaque principalmente nos Estados Unidos na década seguinte, utilizando letras fortes para apontar falhas na sociedade e ilustrar a realidade de negros, pobres e imigrantes nos subúrbios americanos. Diretores de cinema, tais como Spike Lee, que também cultivavam essa preocupação social colaboraram em divulgar essa cultura de maneira que ela se enraizou em diversos países onde essa realidade existe, porém nem sempre atingindo quem

faz parte dela. Há algum tempo, a onda da Black Music vem tomando conta do Rio de Janeiro, depois de levar multidões de fãs do gênero às famosas pistas de dança de São Paulo. Maior exemplo disso é o Espaço Cultural Rio Charme, localizado no já famoso Viaduto de Madureira e criado há cerca de 22 anos com o intuito de disseminar o cenário. E a partir deste mês, o movimento ganha ainda mais força com a estreia da festa “So High” na Pista 3, boate da Zona Sul do Rio.

Dentre os inúmeros e talentosos profissionais da Black Music nacional – como o DJ Saddam



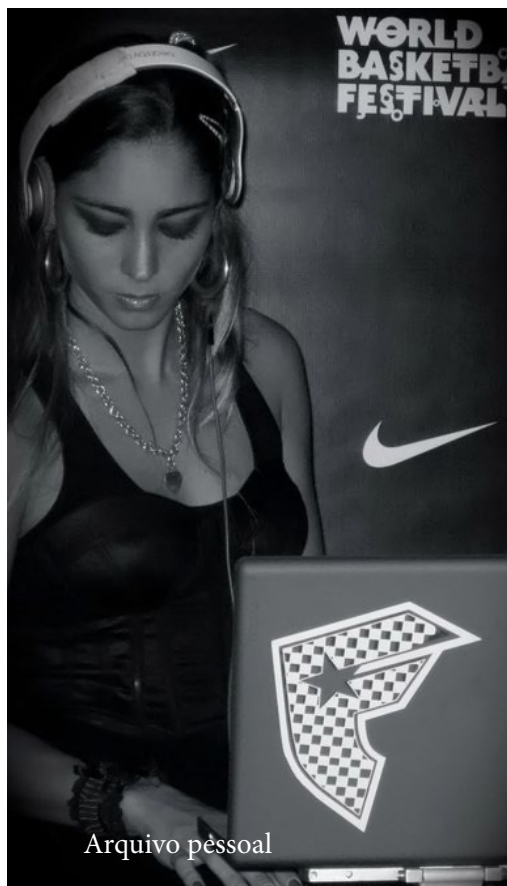
e o rapper Projota -, uma se destaca: a extremamente versátil e bela Flavia Xexeo. Mas não se iluda com sua beleza e aparência delicada, pois seu talento faz jus à fama. Conhecida de norte a sul, sua presença nos maiores eventos e boates

do país é frequente, se apresentando também em grandes eventos lá fora.

Filha da musicista, poeta e compositora Rosália Saules, Flavia cresceu ouvindo muito Blues, Folk e Rock. Aos 15 anos, quando começou a sair para as

noitadas com os irmãos, se apaixonou pela grande variedade de batidas presentes no universo da Black Music. A paixão logo viraria amor ao ganhar de presente do irmão, que então morava nos Estados Unidos, um cd do Dr. Dre. Daí em diante passou a se dedicar a conhecer novos artistas do meio, ficando conhecida entre seus amigos pelo bom gosto e logo começou a atuar como Disk Jockey, especificamente em 2003. Em 2008 mudou-se para Los Angeles, na Califórnia, o que ajudou a envolver-se ainda mais com a cultura de rua e o hip-hop, além de proporcionar seu primeiro contato com os toca discos. Em 2010 foi convidada pela

NIKE para participar do World Basketball Festival, um evento produzido pela empresa que reuniu times de basquete profissionais – incluindo a seleção brasileira – patrocinado pela marca. “Foi uma experiência maravilhosa pra mim, estar entre os gigantes do meio, também convidados pela NIKE”, afirma Flavia, cheia de orgulho.





Curiosamente, no Brasil, a Black Music ganhou espaço principalmente entre os jovens mais elitizados. Talvez pela admiração por transformar sofrimento em músicas tão bonitas, por querer fazer parte desta revolução, ou talvez pela influência do Funk brasi-

leiro, que de acordo com Flavia, “ainda é a maior representação cultural carioca das classes mais baixas, apesar de ter passado por muitas metamorfoses”. Mas mesmo retratando uma realidade tão diferente da vivida por alguns jovens, a Black Music con-

seguiu se enraizar e até mesmo criar suas vertentes na música nacional.

“O surgimento de novas tecnologias influenciou muito o trabalho dos DJs...”

Com o passar dos anos, a cultura de rua americana passou a adotar outra postura, focando cada vez menos nos problemas sociais e projetando os artistas como verdadeiros ícones da cultura pop, facilitando a exportação do novo “produto”. As letras que falavam de racismo, criminalidade e exclusão social passa-

ram a focar em dinheiro, festas e sucesso, como uma forma de bravatear - em quase uma catarse - como eles conseguiram sair da periferia e se tornaram pessoas ricas e bem sucedidas. Já no cenário nacional, a cultura das ruas não seguiu a tendência internacional e continua exercendo seu papel social, porém até hoje luta para conquistar seu espaço entre as grandes massas.

Essa mudança drástica, somada ao surgimento de novas tecnologias, influenciou muito no trabalho dos DJs. Com tantos recursos, a quantidade de autointitulados DJs aumentou muito,

DO
/S
RAS



DJ CONVIDADA
FLAVINHA XEXÊO





inundando o mercado com profissionais amadores, projetando uma imagem errônea de que a função do DJ é baixar os “hits” do momento, montar uma playlist e apertar o Play. Ledo engano. A rotina destes artistas das pistas de dança começa em casa: “precisamos estar sempre ligados nas tendências, além de termos que filtrar

o oceano de novidades diárias apresentadas pelo mundo. Fora isso eu ainda pratico técnicas de mixagem e scratch para criar versões diferentes de músicas já conhecidas”, afirma o DJ e continua “não é um trabalho fácil e exige muita disciplina e criatividade. É preciso conhecer as diversas ramificações

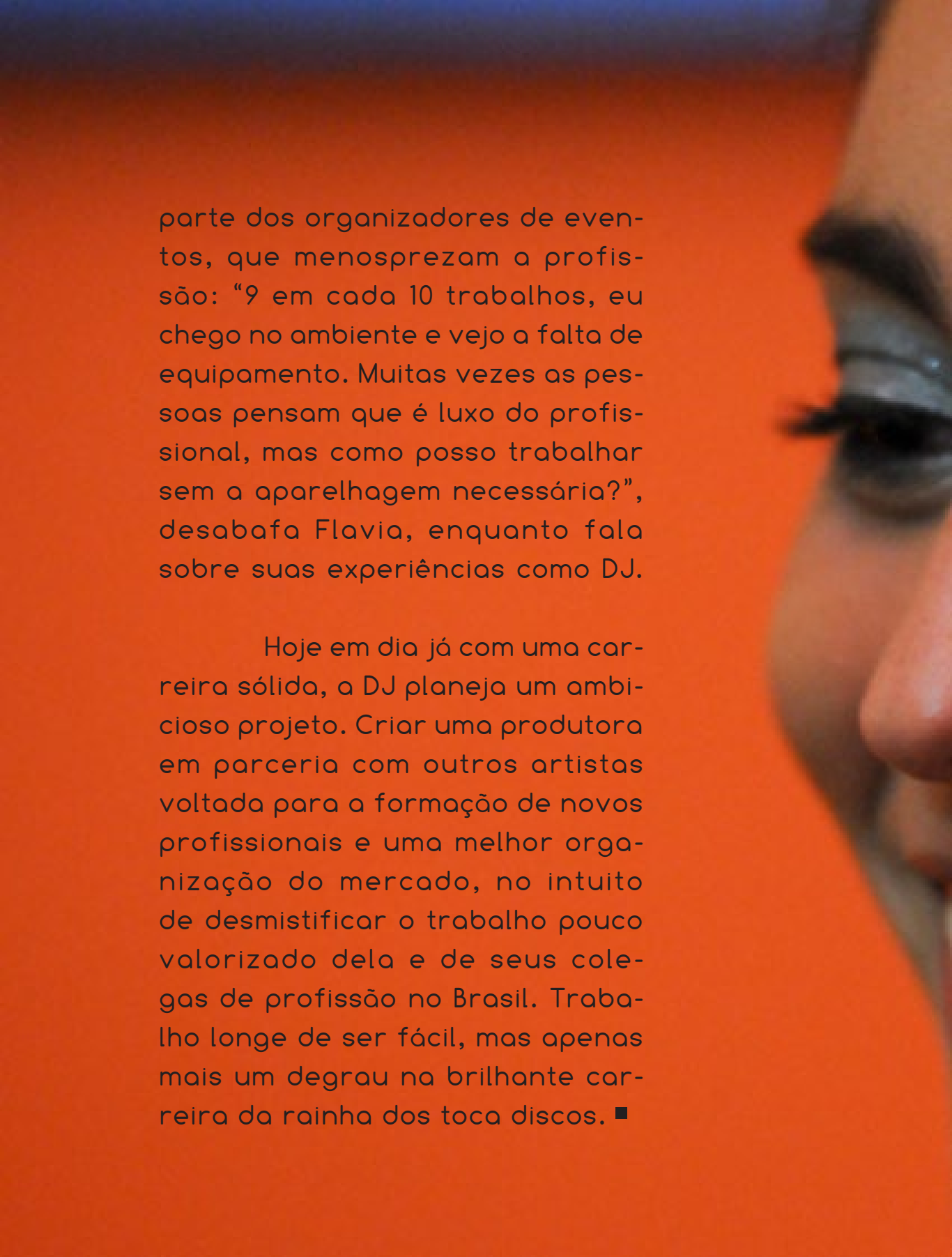


fotos: Diego Val

de cada estilo musical para saber identificar o que cada público curte ouvir e, acima de tudo ter ‘feeling’ para notar o que a noite precisa”. Isso tudo sem contar, é claro, com a preparação feminina que acontece antes de todo trabalho.

O profissional, que antes ganhava reco-

nhecimento justamente por trazer novidades, agora se vê limitado às mesmas músicas que tocam nas rádios e Ipods de todo o mundo, o que ofusca o diferencial de cada profissional e deixa as setlists cada vez mais similares. Outro problema comum enfrentado pelos Disk Jockeys é a falta de profissionalismo por

A close-up, profile view of a woman's face, looking towards the left. She is wearing a black headband with a small, dark, circular detail. The background is a solid, vibrant orange color. The lighting is soft, highlighting the contours of her face.

parte dos organizadores de eventos, que menosprezam a profissão: “9 em cada 10 trabalhos, eu chego no ambiente e vejo a falta de equipamento. Muitas vezes as pessoas pensam que é luxo do profissional, mas como posso trabalhar sem a aparelhagem necessária?”, desabafa Flavia, enquanto fala sobre suas experiências como DJ.

Hoje em dia já com uma carreira sólida, a DJ planeja um ambicioso projeto. Criar uma produtora em parceria com outros artistas voltada para a formação de novos profissionais e uma melhor organização do mercado, no intuito de desmistificar o trabalho pouco valorizado dela e de seus colegas de profissão no Brasil. Trabalho longe de ser fácil, mas apenas mais um degrau na brilhante carreira da rainha dos toca discos. ■



SÃO HELENAS E MARIAS!

por Pablo Mendes

Toda mulher é uma dádiva e é Helena e é Maria! Foi desde Tróia que Ela se converteu em Helena! Foi desde Jerusalém que Ela se converteu em Maria! Em Helena tornou-se indefensável a tese da mulher poderosa! Em Maria a simplicidade e amor incondicional se eternizaram salvando o mundo! E assim, de modo diretamente proporcional toda mulher é Helena, é Maria... Mas por precariedade de observação tantos só aprendem essa lição na somatividade generosa doada por cada mulher que pousa no ninho da existência do outro. E tantos podem aprender ainda, que Elas

hãõ de continuar a jornada que vem iluminando a Terra e fornecendo a matéria prima fundamental para a construção da ponte que vai unir para todo sempre o Céu e a Terra! Imagine que ainda há nelas a potência para ser mãe. Ser mãe é também uma dádiva e condensa em si a potência sublime da criação. Ser mãe é exercer o feminino no sagrado e na gratidão.

O feminino no sagrado e na gratidão é presença e jamais ausência, ainda que haja quem não perceba o calor e valoração desta presença, não se pode afirmar a sua ausência. O próprio conceito de Deus surgiu no feminino e fora

simbolizado pelo útero por longo tempo. Mais tarde, o falo também passou a simbolizar poder e força voltadas a divinização e ao sagrado. Com o surgimento da escrita, advento que trouxe à tona a história, e mais tarde no período do Egito antigo em meio a fuga para a Terra prometida, o teocentrismo foi se convertendo em fato. Surgiu através da palavra e da fé um só Deus que potencialmente masculinizado passou a figurar dentre os povos ali presentes dando início a uma saga, uma história incrível sobre o percurso de grande parcela da humanidade até os nossos dias. Um Deus masculinizado foi pretexto para que inúmeras

homens talvez justificassem atos. Mas, ao deixar de lado o poderoso equilíbrio entre feminino e masculino, entre falo e útero, a humanidade certamente pode ter perdido em grande medida e valor, tornando-se talvez desequilibrada e radicalizada por demais. Assistimos através da história uma caminhada humana masculinizada em demasia, onde o feminino e a mulher por séculos e séculos foram deixados de lado, sendo reprimidos, oprimidos, injustiçados e não raras vezes, subjugados e massacrados. Também, acompanhou-se a essa tendência um contundente esquecimento de que todos os grandes homens registrados



na história tiveram como aliado vital de algum modo o feminino, certamente, através de mães e/ou mulheres, que não raro caminharam aos seus lados e foram de grande expressão em suas vidas! Talvez, uma entre tantas faltas cometidas se deveu pela carência de gratidão a todas as mães, as Helenas e as Marias, a todas as mulheres de hoje e de ontem... Efetivamente, houve grave falta contra o feminino! E assim, este simples manifesto pretende apenas tentar se converter em gratidão a todas as mulheres e mães desse mundo em todos os tempos! Parabéns mulheres, pois sem vocês ninguém estaria presente

nesta Terra gozando da grande oportunidade que se configura vida. Viva as mulheres, musas/divas, mães... Viva a teologia feminina que muito ensina.

Afinal, ser mulher e ser mãe é uma dádiva exclusivamente feminina compartilhada por pura generosidade com o masculino. Dádiva devido à maternidade que insinua e revela o milagre da vida até mesmo para a ciência que jamais alcançou a tão sonhada desmistificação de um doce mistério... Ser mãe é conter em si a singular capacidade da criação. Ser mãe é ser Deusa! É sim, ser divina de corpo e alma...■





Se é que sufrágio existe!

A conquista de alguns direitos femininos na jornada pela igualdade.

por Bruno Bhur



A luta atlântica das mulheres pelos seus direitos a fim de alcançar a igualdade e a paridade de chances em uma sociedade sexista alcançou enfim alguns patamares da maior importância. Temos mulheres ocupando os mais altos cargos da república, desempenhando papéis de destaque nos mais importantes cenários da política internacional, com consistência e indelével brilhantismo.

No entanto, as batalhas travadas a fim de garantir o atual panorama, se estenderam ao largo de décadas de submissão e humilhação

na ditadura dos afazeres domésticos; na voz que sempre calou em razão dos mandos maritais, pelo medo da morte social causada pela moléstia do desquite.

“...Cerca de 5 mulheres são espancadas a cada 2 minutos...”

O movimento feminista no Brasil se apresentou de forma tímida e tardia comparado aos países que encabeçaram a vanguarda do referido movimento, tais como a Nova Zelândia Inglaterra e EUA, que permitiram o alcance do

sufrágio feminino ainda no final do século XIX. Os Brasil, embora tenha sido um dos primeiros países a terem por espontânea iniciativa a coragem de discutir o tema da mulher votante, ainda em 1890, só conseguiu instituir o direito ao voto sem nenhuma restrição quanto ao sexo na primeira metade do

século XX , mais precisamente pelo intermédio de um decreto baixado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1932

Somente depois de quase 80 anos, elegeu-se a primeira mulher presidente do Brasil, fato este que se apresenta como fruto maduro de uma semente plantada



por mulheres como Leolinda de Figueiredo Dalto, educadora precursora na articulação das ideias de emancipação das mulheres em 1910 e Bertha Lutz, advogada militante dos direitos femininos.

Porém a fecundidade das ações destas mulheres parece não ter alcançado alguns recan-

tos deste país de realidades múltiplas. Em Pernambuco existe um movimento de nome curioso: o “Apitajo”. Mulheres munidas de um apito usado quando uma de suas companheiras é agredida ou se encontra na eminência de sofrer algum tipo de agressão, o apito é o instrumento capaz de dar voz ao grito surdo



das que apanham e de abafar o estampido bruto das mãos dos que batem.

Uma pesquisa realizada pela fundação Perseu Abramo em 2011 apresenta dados temerosos; cerca de 5 mulheres são espancadas a cada 2 minutos.

Enquanto a nação é governada por uma mulher representando avanço e modernidade social, milhares de outras mulheres ocupam lugar em um retrato embolorado que remonta o horror das mordças machistas de séculos antigos;

sofrendo espancamentos e enxovalhos diuturnamente, lutando pela simples sobrevivência.

A busca pela paridade de direitos entre os sexos vem, de fato apresentando avanços incontestáveis, no entanto mulheres continuam sofrendo sovas e surras fruto de um sentimento de posse que tem raiz em uma sociedade machista e paternalista. A igualdade é um objeto ainda disforme pela distância e enquanto o vulto deste aguerrido princípio vai ganhando nitidez, apitos continuam salvando inúmeras Marias da Penha. ■

We Can Do It!





Vinicius Castro é cantor e compositor recifense radicado no Rio de Janeiro e ex-morador de Campinas e Curitiba. Teve suas músicas incluídas no repertório de diversos cantores e cantoras. Seu disco de estréia “Jogo de Palavras” foi destaque e muito elogiado por diversos e importantes veículos de comunicação. Hoje, Vinícius faz uma participação na CRASE nos deliciando com a letra de uma de suas músicas.

VINICIUS CASTRO

Bala Perdida

A vida quase sempre me deu porrada
foi tapa na cara, pernada e até pescoção
achei a solução: ninguém me cala
por isso que agora, amigo, comigo é na bala!

É a bala de menta, é a bala de coco
não tem nada igual
tem a bala de leite, tem de tamarindo,
café e até mingau
encontrada nas lojas do ramo
tá pra lá de 2 e tal
mas aqui na mão do camelô vai pagar um real!

A vida inteira eu tive quase nada
faltava relógio, carteira, pulseira e cordão
faltou televisão e pai na sala
por isso que agora, amigo, comigo é na bala

Desculpe incomodar o silêncio de vocês
mas não de concordar que vale a pena dessa vez
senhoras e senhores, eu garanto a qualidade!
é só olhar no verso e conferir a validade!



OUÇA A MÚSICA





CRASE